

O MONSTRO QUE SEMPRE FUI:
o discurso sobre prostituição e os assassinatos de Nenê
Romano e Antonieta Dina

THE MONSTER I HAVE ALWAYS BEEN:
the discourse on prostitution and the murder cases of Nenê
Romano and Antonieta Dina

LAIS DEODATO MORALES¹

Data em que o trabalho foi recebido: **31/01/2026**

Data em que o trabalho foi aceito: **18/05/2026**

¹Mestranda em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: laisdeodato14@gmail.com;
Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-7675-0667>.

O MONSTRO QUE SEMPRE FUI:

o discurso sobre prostituição e os assassinatos de Nenê Romano e Antonieta Dina

RESUMO

Por meio deste artigo, propõe-se uma análise crítica dos discursos que não somente repercutem, mas constituem a vida e a morte das prostitutas Nenê Romano e Antonieta Dina durante as décadas de 1920 e 1930. Para isso, os periódicos “O Combate” e “Diário da Tarde” serão mobilizados de modo a percebermos as reportagens e fotografias jornalísticas como discursos que produzem e perpetuam as violências sofridas pelas meretrizes, projetando sobre elas uma imagem de monstrosidade. Breves, os registros sobre Romano e Dina nas fontes analisadas exigem a adoção de ferramentas teórico-metodológicas como a Teoria da Monstrosidade, o que é feito com o objetivo de esboçar um caminho para a ressignificação do corpo monstruoso, propondo, com isso, uma recusa ao arquivo da prostituição, ainda que a investigação parta inicialmente dele.

Palavras-chave: Prostituição. Discurso. Nenê Romano. Antonieta Dina. Monstrosidade.

THE MONSTER I HAVE ALWAYS BEEN:

the discourse on prostitution and the murder cases of Nenê Romano and Antonieta
Dina

ABSTRACT

Through this article, we suggest a critical analysis of the discourses that not only reflect, but constitute the life and death of prostitutes Nenê Romano and Antonieta Dina during the 1920s and 1930s in Brazil. To this end, the local newspapers “O Combate” and “Diário da Tarde” will be employed as means to understand the stories and their accompanying photographs as discourses that produce and perpetuate the violence suffered by the prostitutes, thus projecting their monstrosity. The brief accounts of the lives and following murders of Romano and Dina in the aforementioned stories require the adoption of theoretical and methodological frames such as the Theory of Monstrosity, which is done in order to outline a path for the re-signification of the monstrous body, thus proposing a rejection of the archive of prostitution, even if starting from there.

Keywords: Prostitution. Discourse. Nenê Romano. Antonieta Dina. Monstrosity.

INTRODUÇÃO

O discurso é, para Michel Foucault, material. Nesse sentido, a literatura sobre o meretrício delimita, reorganiza e sugere descrições atravessadas por relações de poder que constituem esse objeto, e não simplesmente o descrevem (FOUCAULT, 2014). Em outras palavras, os “loucos” e “perversos sexuais” da psiquiatria oitocentista, como as prostitutas, são produzidos simultaneamente pelo discurso nosográfico, jurídico, literário, jornalístico, etc. Nessa conjuntura, é possível vislumbrarmos uma escrita que negue a fixação dessas subjetividades? Que as reconfigure? Que fuja do arquivo da prostituição mesmo que partindo, inicialmente, dele?

Animados por esses questionamentos, retomamos a produção de Saidiya Hartman. Em seu texto, “Vênus em dois atos” (2020), a escritora norte-americana interpela a existência de duas jovens negras mencionadas em uma acusação judicial. Mortas pelo capitão de um navio negreiro, Vênus e a outra jovem, não identificada, são brevemente citadas como vítimas de assassinatos brutais, e isto é tudo o que sabemos sobre elas (HARTMAN, 2020). Do mesmo modo, a documentação sobre o meretrício brasileiro durante o Vinte tem pouco a dizer sobre quem eram essas mulheres. Com horror, percebemos processos de vida e morte, afetos, e o cotidiano de prostitutas apagados em favor de um registro sintético de informações redutoras, degradantes e fixas sobre vidas que, na ocasião de suas mortes, internamentos ou prisões, tornaram-se dignas de nota.

Contudo, a retomada desses discursos exige que façamos as seguintes considerações: “Por que sujeitar os mortos a novos perigos e a uma segunda ordem de violência? Ou são as palavras do mercador a ponte para os mortos ou os túmulos escriturários em que eles esperam por nós?” (HARTMAN, 2020, p. 16). Como destaca Hartman, revirar esses registros exige – e esta é uma exigência ética – que as vidas do meretrício sejam ressituadas. A monstrosidade como pulsão criativa desponta, assim, como alternativa. Levado ao seu limite, o corpo monstruoso ajuda a definir “possibilidades e limites políticos bastante diferentes daqueles propostos pela ficção mundana do Homem e da Mulher” (HARAWAY, 2009, p. 180). Lemos a prostituta a partir da teoria da monstrosidade (SILVA, 2007), cuja operação abre caminho para a análise dos estereótipos que concorrem para a produção subjetiva das meretrizes Nenê Romano e Antonieta Dina, personagens das décadas de 1920 e 1930 notórias por ultrapassarem a barreira do poder mediante episódios de violência extrema culminados, nunca concluídos, em suas mortes.

Desenvolvemos esta discussão com base em uma análise comparada entre as reportagens publicadas nas imprensas de Curitiba e São Paulo na ocasião dos assassinatos de Nenê Romano e

Antonieta Dina, ocorridos em 1923 e 1937, respectivamente. Publicadas nos periódicos “Diário da Tarde” e “O Combate”, as reportagens analisadas estão disponíveis para consulta na Hemeroteca Digital Brasileira do Arquivo Nacional. Já o “Prontuário de Identificação” das meretrizes Antonieta Dina e Helena Quadros, produzidos pelo Gabinete de Identificação da Polícia Civil do Paraná, podem ser consultados presencialmente no Arquivo Público do Paraná.

Por fim, aludimos ao romance “Lais” (1921), escrito pelo autor paulistano Menotti Del Picchia, a fim de tensionar os limites entre as escritas ficcional e jornalística na caracterização das personagens Nenê Romano, Antonieta Dina e Lais. Com isso, aproximamos essas mulheres de uma monstruosidade opaca, na qual a definição de quem elas de fato seriam, precisamente por sua impossibilidade, converte-se em potência.

PERSEGUINDO TRAJETÓRIAS: OS CASOS DE ANTONIETA DINA E NENÊ ROMANO

O que foi dito e o que pode ser dito sobre Vênus tem como certo o tráfego entre fato, fantasia, desejo e violência (HARTMAN, 2020, p. 20).

Nascida em 18 de outubro de 1900 em Veneza, Itália, Antonieta Dina desembarcou no Brasil em 1914. Não sabemos como e nem o *porquê* da travessia, restando em sua documentação apenas breves registros de um cotidiano que se encerra na folha de “Observações” do seu prontuário: “Em 27/8/37 foi assassinada pelo investigador Pedro Freitas” (GABINETE DE IDENTIFICAÇÃO E ESTATÍSTICA DO PARANÁ, 1929, p. 10). Antonieta conhece Pedro Freitas em 1929, ano de sua “prontuarização”. Aos 29 anos, Antonieta residia na Rua Ratcliff², região popularmente conhecida como *Barranco*. Aos 37 anos, idade em que é assassinada, comandava uma “pensão alegre” no mesmo local. Segundo a historiadora Nayara Aguiar, que também se interessou pelo caso, “é possível imaginar que tenha crescido hierarquicamente dentro do meretrício ao longo do tempo” (AGUIAR, 2016, p. 117). Ao que tudo indica, porém, seus afetos permaneciam os mesmos: Pedro Freitas foi amante de Antonieta por oito anos, até a noite em que alvejou a mulher com três tiros, surpreendendo-a pelas costas, de acordo com quatro das cinco testemunhas presentes no local.

Antonieta e outras prostitutas fichadas nos “Prontuários de Identificação de Meretrizes”, outrora invisíveis, furam a bolha do poder mediante episódios de violência extrema, ou, “um ato de

² Hoje Rua Desembargador Westphalen, localizada no Centro de Curitiba.

acaso ou desastre [que] produziu uma divergência ou uma aberração em relação ao curso esperado” (HARTMAN, 2020, p. 14). Diante disso, o que fazer? Como proceder quando “nos deparamos com ela [a prostituta], em circunstâncias exorbitantes que não produzem nenhuma imagem da vida cotidiana, nenhum caminho para seus pensamentos, nenhum vislumbre da vulnerabilidade de seu rosto ou do que olhar para tal rosto poderia exigir” (HARTMAN, 2020, p. 14). Olhamos para o seu rosto, é verdade, mas para um rosto ensanguentado e morto, estampado nas primeiras páginas de jornais curitibanos de grande circulação.

O assassinato de Antonieta Dina recebeu uma cobertura jornalística digna de manchete na primeira edição de 27 de agosto de 1937 do periódico “Diário da Tarde”. O impresso acompanha os desdobramentos do caso através de uma série, “suíte”, de três reportagens, intitulada “*Amor infeliz*”. Em uma narração apaixonada, o escritor da primeira notícia não poupou o uso de floreios novelescos para inteirar o leitor do desfecho trágico daquele amor entre “duas almas que vicejavam no lodaçal do vício” (DIÁRIO DA TARDE, 1937, p. 8). Segundo a historiadora Valéria Guimarães, a escrita dos *faits divers* utiliza

vários recursos jornalísticos da imprensa moderna como a enquete, a reportagem, a investigação com base em dados oficiais e a narração linear dos acontecimentos, dando coerência à história. É nesse ponto que a imaginação do autor entra, completando os lapsos e desacordos, contradições e falhas das informações (GUIMARÃES, 2009, p. 231).

A história começa, então, “mais ou menos” assim: Na noite de 27 de agosto, o investigador Pedro Freitas visita a pensão de Antonieta Dina embriagado. O casal discute, e Freitas passa a cortejar uma mulher chamada Helena. Helena é Helena Quadros, meretriz prontuariada em 14/02/1935 e natural do estado de Santa Catarina (GABINETE DE IDENTIFICAÇÃO E ESTATÍSTICA DO PARANÁ, 1935, p. 3). Apontada como *pivô* da briga entre Pedro e Antonieta, Helena recusa o investigador e o agride. Pedro não reage e deixa o cômodo, retornando à presença da amante para ser “insultado” e “humilhado”: “Antonieta chegou a lhe dizer que não daria mais o seu amor ao homem que se deixava espancar por mulher” (DIÁRIO DA TARDE, 1937, p. 8). Com isso, notemos: a trajetória da narrativa que antecede o momento do assassinato é marcada por descrições, nada sutis, do comportamento indiferente de Antonieta. A reportagem sugere que ela “talvez [...] já não o estimasse como antes” e, diante das cenas de ciúmes do companheiro, “não dava maior importância” (DIÁRIO DA TARDE, 1937, p. 8).

Semelhante é a caracterização da *femme fatale* na literatura da *Belle Époque* (RAGO, 1991). De acordo com a historiadora Margareth Rago, “o demônio toma forma de mulher e invade o

imaginário e a iconografia da época” (RAGO, 1991, p. 211). Hipersexual, noturna, má, bela, animalesca, ameaçadora, máquina, fêmea artificial, misteriosa, elusiva, destruidora. Em oposição, está a sua vítima, o homem frágil, inferior, ciumento, violento, arrebatado, convertido e irracional. A *femme fatale* incorpora o que Jeffrey Cohen define como um medo que é, na verdade, uma espécie de desejo pelo monstro:

Quando contido pela marginalização geográfica, de gênero, ou epistêmica, o monstro pode funcionar como um *alter ego*, como uma aliciante projeção do eu (um Outro eu). O monstro nos desperta para os prazeres do corpo, para os deleites simples e evanescentes de ser amedrontado ou de amedrontar - para a experiência da mortalidade e da corporeidade (COHEN *apud* SILVA, 2007, p. 49, grifo original).

As expressões que remetem a um certo caráter mundano, corporificado e material da prostituta, são os termos que descrevem Antonieta: “corpo ensanguentado”, “*vendeuse d’amour*”, “proprietária”, “meretriz”, “morta”, participe em uma relação de “palavras mal pensadas” que se transformavam em “beijos ardentes”. Pedro, por sua vez, é caracterizado em função de sua psique perturbada: “arrependido”, “impulsivo”, “apaixonado”, “insultado”, “humilhado” (DIÁRIO DA TARDE, 1937, pp. 1-8). Segundo Margareth Rago, a *femme fatale* realiza-se em sua corporalidade, “pois sua natureza está destinada a não se ausentar do corpo, enquanto o homem se dessolidariza de sua imagem corporal” (RAGO, 1991, p. 203).

O romance *Lais*, escrito em 1923 pelo autor paulistano Menotti Del Picchia, evoca, com bastante clareza, esses princípios. Para o seu amante, Hélio, Lais é estranha, hermafrodita, aberrante, monstruosa, insexuada; ora enérgica e máscula, ora frágil e feminina. A prostituta é constantemente representada em função de suas ambiguidades, e Hélio chega a acreditar estar lidando com um ente dividido, separado pelas próprias contradições:

Hélio olhou-lhe os lábios. Aquele buço ainda lhe irritava os nervos. “É singular, - pensou - esta mulher parece feita de dois seres diversos...Tem, contemporaneamente, duas personalidades”. E, sem querer, pôs-se a recitar mentalmente as quadras do “Hermafrodita”, de Eugênio de Castro (PICCHIA, 1921, p. 48).

Ou, ainda:

Um pavor de assombro paralisou-o: vira em Lais a “outra”! Era um ser monstruoso e repugnante, de buço híspido, lábios brutais. Olhou-lhe o peito: a capilosidade cerdosa acapoeirava-se na bifurcação dos seios. E suspenso, com vertigens, via nessa mulher um crepúsculo de sexo, grotesco e infernal, a “outra”, a hermafrodita, a Lais do seu asco, nem homem nem mulher! (PICCHIA, 1921, pp. 163-164).

De acordo com o filósofo Paul B. Preciado, durante a Idade Média, “uma mulher barbuda capaz de engravidar, colocando uma criança no mundo e cuidando dela, é considerada uma mulher, independentemente da forma e do tamanho de sua vulva” (PRECIADO, 2021, p. 80). Com o advento de um “regime sexopolítico novo e visual” (PRECIADO, 2021, p. 81) no século XIX, autores como Parent-Duchatelet, Pauline Tarnowsky e Cesare Lombroso encontraram na descrição de *anomalias físicas* um princípio patológico capaz de desvendar os mistérios que encobrem a “natureza perversa” de prostitutas e mulheres negras. Para Thomas Laqueur, citado por Preciado, “a invenção do que poderia ser chamado de estética da diferença sexual (e racial) é necessária para estabelecer uma hierarquia político-anatômica entre os sexos (masculino e feminino) e as raças (brancos e não brancos)” (LAQUEUR *apud* PRECIADO, 2021, p. 81).

Nessa toada, Hélio estabelece o seu desejo pelo corpo monstruoso de Lais em torno da abjeção: “ela incita, ela inquieta, fascina o desejo que, entretanto, não se deixa seduzir. Assustado, ele se afasta; enojado, ele se recusa... Entretanto, ao mesmo tempo, esse ímpeto, esse espasmo, esse salto é atraído para um outro lugar que é tão tentador quanto é condenado” (KRISTEVA *apud* SILVA, 2007, p. 49). E o “herói” de Menotti Del Picchia sofre. Como Pedro Freitas, Hélio parece lidar com uma figura elusiva, querendo para si “o amor e os carinhos da mulher que era de todos” (DIÁRIO DA TARDE, 1937, p. 8). Naturalmente, as contradições de Lais também dizem respeito aos seus amores, o que motiva a investida brusca de Hélio contra o coronel Lupércio, um de seus adversários. Dois tiros são disparados; Hélio, contudo, erra o alvo.

Pedro Freitas, no entanto, atira à queima roupa e acerta. O investigador, sem que ninguém percebesse, surpreende Antonieta, e “friamente, sem dizer palavras”, dispara três vezes (DIÁRIO DA TARDE, 1937, p. 8). Antonieta Dina divide-se, então, entre *femme fatale* e vítima na seção de *faits-divers*. O delegado responsável pelo caso, Dr. Lucio Correia, chega a solicitar a prisão preventiva do investigador, que fugiu, nas seguintes bases: “Dada a temibilidade revelada pelo indiciado, as testemunhas ouvidas no inquérito, sabendo-o solto, certamente que o temerão, tanto mais que tais testemunhas de vista são mulheres da vida, sem poderes, propriamente, de reação” (DIÁRIO DA TARDE, 1937, p. 8). Assim, Dina e suas pensionistas, Adi Tesserolli, Tereza Mulher e Margarida Rocha convertem-se em vítimas de um “destino cruel”. Do mesmo modo, Hélio percebe a enferma Lais deitada em sua cama, evocando alternadamente sua piedade e repulsa: “Olhou Lais: viu-a mais magra, com duas grandes olheiras violáceas. [...] Sua voz era humilde e agradecida. Encolhia-se sob as cobertas, tornava-se pequenina, bôa...Então elle, sentado ao pé da cama mirou-a com simpatia” (PICCHIA, 1921, pp. 92-93).

De acordo com Margareth Rago, o personagem da prostituta-mártir na literatura do Vinte reflete a experiência urbana, que se dá pela “degeneração dos costumes, pelo relaxamento dos laços familiares e pela indiferença entre os indivíduos atomizados [...]”. A prostituição, nesse caso, decorre de um fenômeno de violenta desterritorialização sofrida pela mulher” (RAGO, 1991, p. 212). Nesse sentido, as vidas inscritas na “dolorida história da prostituição” (DIÁRIO DA TARDE, 1937, p. 8) não poderiam ter outra sina, e não são nada além de dignas de pena.

Entre uma identidade e outra transitava, igualmente, a prostituta Nenê Romano. Italiana radicada em São Paulo, a cortesã de luxo foi protagonista de um romance tórrido que termina com a sua morte e o suicídio do seu amante, o advogado Moacyr Piza, em 25 de outubro de 1923. Contudo, mesmo antes do seu assassinato, Nenê Romano já era uma figura mítica para a pauliceia. Em 20 de setembro de 1918, Romano é surpreendida por dois assaltantes, que desferem golpes de navalha contra o seu rosto e braços. A enciumada Sinhazinha Junqueira, herdeira do Café, é apontada como mandante do crime:

uma tarde, fazia Nenê o "curso" na Avenida Paulista, quando o cavalheiro que era o motivo dos ciúmes de sua rival e que também por ali passava, atirou-lhe um bilhetinho, marcando-lhe um encontro. Este detalhe chegou ao conhecimento de Sinhazinha, que desde aí prometeu vingar-se (O COMBATE, 1920, p. 1).

Em uma de suas frequentes atualizações sobre o caso, o periódico “O Combate” chega a publicar fotos do rosto mutilado de Nenê Romano. Segundo o filósofo Walter Benjamin, a inclusão de fotografias em reportagens jornalísticas paralisa o leitor, interrompendo brevemente o mecanismo associativo que garante a compreensão de uma reportagem. Sobre isso, Benjamin elabora:

Mas o que nem Wiertz nem Baudelaire compreenderam, no seu tempo, são as injunções implícitas na autenticidade da fotografia. Nem sempre será possível contorná-las com uma reportagem, cujos clichês somente produzem o efeito de provocar no espectador associações linguísticas. A câmara se torna cada vez menor, cada vez mais apta a fixar imagens efêmeras e secretas, cujo efeito de choque paralisa o mecanismo associativo do espectador (BENJAMIN, 1996, p. 107).

Mais do que *paralisar* o leitor, as fotografias de Nenê Romano mutilada e Antonieta Dina morta aderem às violências sofridas, organizando sua duração. A captura do “inconsciente ótico” e seus “aspectos fisionômicos, mundos imagéticos que se escondem no pequeno detalhe, suficientemente significativos e ocultos para encontrarem abrigo nos estados de devaneio, mas tendo agora se tornado grandes e formuláveis” (BENJAMIN, 1996, p. 94) dita, mediante a sua produção, o

que deve ser lembrado, observado e anotado. Assim como o fotógrafo de revistas ilustradas fabrica o esportista célebre, as imagens das meretrizes montam as suas tragédias.

Retornemos ao crime da rua Beto Freitas. Um dos advogados da defesa de Sinhazinha Junqueira era Moacyr Piza, que logo viria a ser amante de Nenê Romano. O relacionamento entre a cortesã e o advogado foi marcado por um notório desequilíbrio. Segundo Margareth Rago, o arrebatado Piza “larga a redação do *Jornal do Comércio*, abandona o escritório de advocacia, assim como os amigos da boemia, dedicando-se exclusivamente ao relacionamento amoroso com Nenê” (RAGO, 1991, p. 207, grifo original). Ao passo que Nenê, paulatinamente, “desencanta-se do poeta”, e propõe o fim da relação em 1923 (RAGO, 1991, p. 207). Inconsolável, Moacyr Piza mata Nenê Romano com quatro tiros no interior de um automóvel que transitava entre o cruzamento da Avenida Angélica e a Rua Sergipe. O advogado, em seguida, atira contra o próprio peito e morre durante os primeiros socorros.

Não sem surpresa, notamos que as notícias dos assassinatos de Nenê Romano e Antonieta Dina são entregues pela imprensa de maneira similar. Os nomes das suítes que acompanham os casos evocam temas semelhantes: a “*Paixão fatal*” entre Nenê Romano e Moacyr Piza, e o “*Amor infeliz*” de Antonieta Dina e Pedro Freitas. Em um segundo ponto, são comuns as aproximações entre meretrício e sujeira, manifestamente através das frases “Nenê Romano, flor da lua e da lama” (O COMBATE, 1923, p. 1, grifo nosso), e “aquelas duas almas que vicejavam no lodaçal do vício” (DIÁRIO DA TARDE, 1937, p. 8, grifo nosso), esta última, referente ao par de Curitiba.

A natureza arrebatadora dos romances é igualmente explorada, seja por meio da alusão às palavras mal pensadas, transformadas em “beijos ardentes” (DIÁRIO DA TARDE, 1937, p. 8) ou, simplesmente, pela descrição do sorriso de Nenê Romano, “que acendia os mais perigosos fogos da paixão torturante e louca” (O COMBATE, 1923, p. 1). Para mais, Nenê Romano e Antonieta Dina, em seus momentos finais, são retratadas como figuras que atentam contra a masculinidade de Pedro e Moacyr: Nenê exige que o advogado ganhe “mais e mais, cada vez mais” (O COMBATE, 1923, p. 1), ao passo que Antonieta hostiliza o investigador pela passividade diante das agressões da cortesã Helena.

Por último, a atitude das meretrizes em relação aos amantes é sempre indiferente, seja porque Antonieta não dava “maior importância” (DIÁRIO DA TARDE, 1937, p. 8) às cenas de ciúmes de Pedro, ou pelo comportamento da “despreocupada de tudo, como se nada tivesse havido” Nenê (DIÁRIO DA TARDE, 1923, p. 1). Em oposição, Pedro e Moacyr são figuras erráticas, perturbadas

e confusas, chegando a compartilhar, inclusive, das mesmas ideias suicidas. Piza é bem-sucedido, ao passo que Freitas fica só na tentativa.

Os sepultamentos de Antonieta Dina e Nenê Romano foram acompanhados com grande comoção por amigos, familiares e conhecidos das meretrizes. À essa altura dos acontecimentos, Moacyr Piza estava morto, enquanto Pedro Freitas se apresentava ao escritório da Delegacia de Vigilância e Investigações para prestar depoimento. Não conseguimos afirmar se o investigador foi ou não condenado.

A prostituta-monstro, contudo, permanece: “Nenhum monstro prova a morte mais do que uma vez. A ansiedade que se condensa como vapor verde, adquirindo a forma de vampiro, pode ser temporariamente dispersada, mas o regressante - por definição - regressa” (SILVA, 2007, p. 28). Reconstitui-se 14 anos depois, em Curitiba, o assassinato de Nenê Romano. “E, assim, o corpo do monstro é, ao mesmo tempo, corpóreo e incorpóreo; sua ameaça é sua propensão a mudar” (SILVA, 2007, p. 28). Ele reaparece em delegacias, clínicas, arquivos, tratados científicos, jornais, filmes, livros e produções iconográficas. A prostituta-monstro se ergue “da mesa de dissecação quando seus segredos estão para ser revelados e desaparece na noite” (SILVA, 2007, p. 27), não deixando conclusões para trás.

Uma vez que os monstros demandam que reconsideremos “nossos pressupostos culturais sobre raça, gênero, sexualidade e nossa percepção da diferença, nossa tolerância relativamente à sua expressão” (SILVA, 2007, p. 55), talvez a pergunta não seja quem realmente foram Nenê Romano, Antonieta Dina, Lais e tantas outras mulheres, mas por que elas foram criadas. Considerando a materialidade do discurso, é dada ao pesquisador a oportunidade de subvertê-la, resistindo aos processos de essencialização, o que se traduz em uma análise crítica dos repertórios que fixam e condenam o meretrício. Nesta causa, uma fuga do cânone oitocentista e o reposicionamento de cenas de dor, morte e assassinio são viabilizadas a partir de ficções como a do monstro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chama atenção durante a leitura de “*Vênus em dois atos*” o que Saidiya Hartman define, em sua experiência, como “dramatizar a produção do nada” (HARTMAN, 2020, p. 18). O trabalho com a memória da prostituição no Brasil exige certa criatividade, e uma sensibilidade que movimenta o olhar. O olhar, a busca e a afirmação de vestígios, fragmentos, “pegadas, ossos, talismãs, dentes, sombras, relances obscurecidos” (SILVA, 2007, p. 30), que significam

a passagem desse monstro e ocupam o lugar do corpo monstruoso em si. Não se trata, portanto, de buscar vítimas ou culpadas entre as meretrizes. A escrita sobre a prostituição aponta para a composição de vidas que caminham em vertigem, e criam diariamente novas estéticas e modos de vida.

Isto posto, sugerimos para reflexão a saturação da prostituta-monstro na escrita historiográfica. Mediante o símbolo da aranha e a representação da mulher histérica, Margareth Rago auxilia: “A animalidade [...] se aloja em nós mesmos, selvagem, terrível, aterrorizante, desconhecida, como *pulsão criativa* e, podemos acrescentar, *destrutiva* no limite extremo de nossa humanidade” (RAGO, 2020, p. 379, grifo original). De modo semelhante, o ciborgue de Donna Haraway desponta como possibilidade, desafiando a imposição de significados (HARAWAY, 2009). Se o mito e a ferramenta, ou o objeto e o discurso científico, são mutuamente constituídos, é possível que imaginemos novas ficções, perguntas, subjetividades e futuros para uma historiografia sobre a prostituição que recusa o que lhe é dado e toma o monstro pelas mãos sem compromisso de interrogar o que ele é, mas o que podemos vir a ser.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes

DIÁRIO DA TARDE. **Amor infeliz**. 27 de agosto de 1937, p. 8.

DIÁRIO DA TARDE. **Amor infeliz**. 28 de agosto de 1937, p. 1.

DIÁRIO DA TARDE. **Tragédia passional**. 30 de outubro de 1923, p. 1.

Gabinete de Identificação e Estatística do Estado do Paraná. **Promptuario n. 18 de Antonieta Dina**, 2 de abril de 1929.

Gabinete de Identificação e Estatística do Estado do Paraná. **Promptuario n. 59.589 de Helena Quadros**, 14 de fevereiro de 1935.

O COMBATE. **O crime da rua Bento Freitas**. 24 de agosto de 1920, p. 1.

O COMBATE. **Paixão fatal**. 26 de outubro de 1923, p. 1.

O COMBATE. **Paixão fatal**. 27 de outubro de 1923, p. 1.

Bibliografia

AGUIAR, Nayara Elisa de Moraes. **Um Incômodo Moral**: o meretrício e seus meios de controle em Curitiba. 2016. 202 f. Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba (PR), 2016.

BENJAMIN, Walter. Pequena história da fotografia. In: **As Obras Escolhidas** - Magia e Técnica, Arte e Política. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

GUIMARÃES, Valéria. Sensacionalismo e modernidade na imprensa brasileira no início do século XX. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 11, n. 18, pp. 227-240, 2009. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/7315>.

HARAWAY, Donna. Manifesto Ciborgue. Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Trad. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

HARTMAN, Saidiya. Vênus em dois atos. **Revista Eco-Pós**, v. 23, n. 3, pp. 12-33, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.29146/eco-pos.v23i3.27640>.

PICCHIA, Menotti Del. **Lais**. São Paulo: Casa Mayença, 1921.

PRECIADO, Paul B. **Testo Junkie**: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. São Paulo: N-1 Edições, 2021.

RAGO, Margareth. **As marcas da pantera**: percursos de uma historiadora. São Paulo: Intermeios, 2020.

RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite**: prostituição e os códigos de da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Pedagogia dos monstros**: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.